



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
CURSO DE PSICOLOGIA

**UM ANDAR PELA ESCOLA: POSSIBILIDADES DO
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (A.T.)**

Gabriel Bavaresco

Lajeado, junho de 2019

Gabriel Bavaresco

**UM ANDAR PELA ESCOLA: POSSIBILIDADES DO
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (A.T.)**

Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Ma. Gisele Dhein

Lajeado, junho de 2019

APRESENTAÇÃO

Quando reflito sobre o que eu sou, sobre o que me tornei, sobre as relações que estabeleci ao longo da minha vida e que permanecem até hoje, minha memória se volta diretamente para a escola. Sempre vi nesse espaço a possibilidade de me experimentar em diferentes lugares, perante diferentes pensamentos, diferentes tipos de pessoas e de conhecimentos que ultrapassavam os muros ao seu redor. Ali eu me conheci, me criei, me formei e deixei inúmeras lembranças.

Reconheço muito afeto vindo dos lugares em que vivemos. Uma casa será só uma casa, o que a torna especial é o significado a ela atribuído, as relações que ali foram construídas. O mesmo se deve para as praças, as ruas da cidade, os campos verdes de um bairro, as calçadas que foram palco para diversos encontros que me marcaram, enfim, o trânsito por esses lugares. A todos esses encontros, aos contatos, aproximações e laços afetivos, agradeço por me fazerem ser quem e como sou.

Identifico esses aspectos diretamente relacionados com o que pretendo discutir no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Ao ingressar na graduação em 2014, estive entusiasmado pela busca de conhecimento, pela proposta de inovações no campo da Psicologia, pelas experiências de contato com pessoas que pensavam da mesma forma que eu, que tinham princípios e valores que eu respeitava, e pelo questionamento de paradigmas que ainda estavam presos da minha forma de pensar.

E foi com o A.T. que encontrei uma forma de debater sobre essas possibilidades de expansão da clínica, da oportunidade de juntar os lugares de afeto da cidade com um dispositivo terapêutico que apresenta potência em sua execução, e promove o movimento entre lugares e pessoas. A partir da minha experiência de estágio em uma escola, vi a oportunidade de entrelaçar as duas coisas que mais atribuo valor: os espaços em que vivi e a ciência psicológica.

A essa transformação, ao reconhecimento de possibilidades novas de ser humano e ser cidadão, às múltiplas pulgas atrás da orelha ao longo desses seis anos que me fizeram ir atrás do conhecimento que eu acreditava ser potente, ao fortalecimento da minha paixão e respeito pela ciência psicológica, agradeço todos meus professores ao longo da vida que me fizeram abrir os olhos para diferentes formas de ver e agir no mundo. A todos elxs, muito obrigado.

~

A seguir apresento o artigo resultante da pesquisa realizada intitulado “Um andar pela escola: possibilidades do Acompanhamento Terapêutico (A.T.)”, que será submetido à Revista Fractal, da Universidade Federal Fluminense. As normas da Revista encontram-se no Anexo A.

**UM ANDAR PELA ESCOLA: POSSIBILIDADES DO
ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO (A.T.)
A WALK THROUGH THE SCHOOL: Possibilities of “Therapeutic
Accompaniment”**

RESUMO: O Acompanhamento Terapêutico (A.T.) configura-se como um dispositivo clínico que objetiva a aproximação dos vínculos entre o acompanhado e seu laço social. É marcado pelo seu movimento, pelo *setting* clínico ser adaptável aos locais em que o sujeito convive e se desenvolve fisicamente e psicologicamente. Dentre os ambientes de sua vivência, a escola se destaca como um dos espaços mais influentes na vida do indivíduo. Portanto, o objetivo deste trabalho é discutir sobre a potência dessa proposta terapêutica dentro da escola como uma estratégia para o desenvolvimento psicossocial de um estudante. Enquanto procedimentos metodológicos, foram analisados os escritos cartográficos produzidos em relação ao andar da prática, elucidando os pontos principais da sua execução. Os relatos foram redigidos em narrativas para a realização da análise e para a inserção de aspectos observados pelo pesquisador. A partir da análise, foi possível observar o A.T. como uma ferramenta potente para problematizar, discutir e identificar os conflitos do cotidiano de um estudante, bem como propor ações para a minimização destes. Ao entrar em contato com a cultura e os espaços ambientados pelo estudante, tornou-se possível destacar aspectos que motivaram seus conflitos e, a partir disso, estabelecer estratégias para a sua solução.

Palavras-chave: Escola, Desenvolvimento Psicossocial, Acompanhamento Terapêutico, Psicologia Escolar.

ABSTRACT: Therapeutic Accompaniment (A.T.) is a clinical device which aims to approximate the links between the subject and his social bond. It is marked by its movement, by the clinical setting being adaptable to the places where the individual coexists and develops physically and psychologically. Among the environments of experience, the school stands out as one of the most influential spaces in the life of the subject. Therefore, the objective of this article is to discuss the potential of this therapeutic proposal inside the school space as a strategy for the psychosocial development of a student. As methodological procedures, the cartographic writings were

produced in relation to the development of the practice, elucidating the main points of its execution. The reports were written in narratives for the accomplishment of the analysis and for the insertion of aspects observed by the researcher. From the analysis, it was possible to observe the A.T. as a powerful tool to problematize, discuss and identify the conflicts of a student's daily life, as well as propose actions to minimize them. By getting closer to the culture and spaces set by the student, it became possible to highlight aspects that motivated their conflicts and, from that, to establish strategies for their solution.

Keywords: School, Psychosocial Development, Therapeutic Accompaniment, School Psychology.

O CENÁRIO

Escola. Ambiente de aprendizagem. Ambiente de vivências. Ambiente de socialização, de descobrimento de novas percepções de mundo, de encontro de múltiplas subjetividades em processo de desenvolvimento. Ambiente de encontro com o outro. Por que não encontro de si?

Escola, um espaço constituído e pensado para promover uma introdução dos sujeitos ao mundo, em que os jovens (ali chamados de alunos) são “abastecidos com tudo que eles devem aprender para encontrar seu lugar na sociedade” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2013, p. 25). Representa a oferta de ocasiões para a sociabilidade de sujeitos, de pares em aprendizagem, que promove ações que os constituem, que oportunizam momentos de reconhecimento e formação de sua identidade.

Em meio aos currículos pré-estabelecidos, as normas de convivência estritamente aplicadas, tentativas de manter o disciplinamento de vidas que pulsam dentro desse espaço, a Psicologia Escolar e Educacional surge e demarca seu território de atuação. Esta vertente da ciência psicológica visa articular as suas contribuições teóricas para dentro dos muros da escola, tendo como intuito promover atividades de aprendizagem e desenvolvimento psicossocial dos sujeitos que convivem diariamente nesse ambiente.

Reconhecendo a escola enquanto um espaço possível para a invenção, para a problematização, e a articulação de diferentes áreas do conhecimento para o aprimoramento dos processos de ensino e aprendizagem, torna-se relevante reconhecer o compromisso e a contribuição dos psicólogos escolares. Estes agentes entram em cena ao promover o movimento de pensar os modos de se conduzir os processos educativos,

enfazando a melhoria da qualidade da educação a ser desenvolvida na instituição escolar.

Ao exercer uma atuação interdisciplinar com os profissionais desse espaço, tendo como uma das ênfases de trabalho o fortalecimento das relações interpessoais, o psicólogo estende a sua prática para a comunidade escolar e educacional ao promover o contato entre instituição e sociedade. Esta relação permite compartilhar, refletir e discutir sobre as questões que envolvem o ambiente escolar, tornando possível novas formas de compreender o estudante, na tentativa de desconstruir estereótipos ou idealizações equivocadamente atribuídas (MEDEIROS; AQUINO, 2011).

As possibilidades de práticas psicológicas em diferentes ambientes e *settings* é um aspecto de desconhecimento por grande parte da população, pela constante associação entre essa ciência e a sua execução em ambientes restritos. Entretanto, a perspectiva ampliada da clínica já é algo presente nas discussões teóricas da Psicologia e que costuma embasar parte das atividades realizadas em serviços de saúde mental e comunidades terapêuticas.

Tendo isso em consideração, ressaltam-se essas possibilidades intervencionais da Psicologia estendidas a diferentes ambientes e espaços que os sujeitos frequentam, vivem, interagem e se desenvolvem fisicamente e psicologicamente.

O MOVIMENTO

A instituição escolar, que além de ser um ambiente que objetiva a formação acadêmica, é também um cenário complexo de relações humanas constituída por diferentes sistemas que se organizam e se mantêm em funcionamento, a partir das interações estabelecidas entre os adultos, entre os adultos e alunos, e entre esses pares (MAIA; BORTOLINI, 2012).

Neste local, por serem identificadas diferentes formas de vivências e de subjetividades se expressando, por vezes emergem conflitos que dificultam o desenvolvimento de interações sociais positivas, ressaltando a justificativa de muitas instituições escolares adotarem as suas próprias regras de convivência que permitem aos seus membros a minimização de conflitos e melhor convivência social (FERREIRA; CARVALHO; SENEM, 2016). As dificuldades referentes à escolarização dos jovens não se referem somente às questões individuais do estudante ou os entraves no seu processo

de aprendizado, mas também, da cultura escolar identificada em cada instituição e seu respectivo *modus operandi* (QUINTEIRO; RESENDE, 2017).

Portanto, enfatiza-se o ambiente escolar como um palco oportuno para as intervenções que pretendem ressaltar as habilidades sociais, uma vez que os jovens em formação passam grande parte do seu tempo nesse espaço, concebendo novas relações entre pares e ampliando o seu laço social (CIA; BARHAM, 2009).

Ressaltando as particularidades do processo de constituição do *eu*, com os atravessamentos das transformações sócio-históricas e as influências constantes na vida dos jovens em formação, Prata (2005) argumenta que a escola “[...] fez e faz parte dessa produção, uma vez que, se por um lado ela é um lugar fundamental na constituição da subjetividade, por outro ela também está inserida num amplo contexto” (p. 108). Esse contexto representa o âmbito social, que determina as ações, os pensamentos e as opções curriculares que cada instituição adota.

Visando os conflitos que podem emergir nesse encontro de subjetividades no ambiente escolar, como também, nos conflitos existentes entre o tensionamento de estudantes frente às normas escolares, o Acompanhamento Terapêutico emerge como uma proposta intervencional para lidar com esses aspectos.

O Acompanhamento Terapêutico, comum pela sigla A.T., é reconhecido como um dispositivo clínico que possui como intuito aproximar os vínculos entre o sujeito e seu laço social. É uma proposta que engloba os cuidados à saúde mental articulados à proposta de promoção de saúde, manejo terapêutico e prevenção de riscos possíveis no encontro entre o sujeito e sociedade (GRUSKA; DIMENSTEIN, 2015).

Esta prática se destaca por se configurar como uma prática itinerante, um dispositivo marcado pelo seu movimento e amplitude de possibilidades. Seus atendimentos podem ocorrer tanto em esferas privadas (um quarto, uma cozinha, uma residência), como ambientes públicos (consultório, igreja, banco) (ALBERTI *et. al.*, 2017). Portanto, essa prática pode ser articulada a diferentes esferas sociais em que o indivíduo se insere e se desenvolve fisicamente e subjetivamente. Dentre esses espaços, a escola é destacada como um dos mais influentes para a vida do sujeito em formação.

Baseado nas contribuições da Reforma Psiquiátrica, o A.T. surge como uma proposta que aproxima o sujeito de seu enlace social, e contribui para a desconstrução das concepções de doença mental. No ambiente escolar, possibilita que rupturas sejam

marcadas, por ampliar a discussão sobre diversos pontos transversais ao desenvolvimento dos estudantes na escola, que ultrapassam as barreiras educacionais mas que são pertinentes desse espaço (BATISTA; FLOR; SILVEIRA, 2017).

O Acompanhamento Terapêutico visa a oferta de ocasiões em que o sujeito possa estar e circular no social, auxiliando-o em sua inserção nos espaços cotidianos e urbanos de convivência, sendo um facilitador de encontros e de contatos com o mundo real, na medida em que estabelece novos modos de se estabelecer um vínculo terapêutico com o sujeito (BATISTA; FLOR; SILVEIRA; 2017).

É possível articular esse dispositivo de cuidado no âmbito escolar por permitir que sejam considerados aspectos que surgem como demanda diretamente neste local, em relação ao sujeito em processo de aprendizagem e desenvolvimento. Algumas delas se relacionam com o estabelecimento de vínculos afetivos, relacionamento interpessoal com professores e grupos de estudantes, desenvolvimento cognitivo e de autonomia, e principalmente, o desenvolvimento psicossocial.

O *setting* clínico é o diferencial dessa proposta, por se afastar dos enquadres do consultório e se constituir na própria relação entre o acompanhante e o acompanhado. Isso é possível a partir do trânsito entre os dois atores nos espaços urbanos de convivência do sujeito, os locais de trabalho em que pertence e frequenta, ambientes domésticos e demais espaços que compõem a sua rotina social (GRUSKA; DIMENSTEIN, 2015).

A perspectiva de conceber um tratamento ou uma possibilidade intervencional mais fluida e aberta se apresenta com uma potência significativa, uma vez que ela permite uma aproximação entre o acompanhante e o sujeito, que por vezes se demonstra pouco permeável às formas tradicionais de tratamento, ou aos demais dispositivos de cuidado substitutivos (PALOMBINI, 2006).

Fioratti (2013) comenta que o A.T. tem como característica do seu procedimento clínico englobar além dos dispositivos do cotidiano, a cultura do acompanhado e o território pelo qual o sujeito percorre. A partir disso, torna-se possível aproximar as demandas que surgem na vida do sujeito com os espaços em que convive, obtendo uma compreensão mais aprofundada dos conflitos emergidos nos encontros e trajetos percorridos, e pensar nas possíveis estratégias para lidar com eles.

Esse deslocamento da clínica para um espaço cotidiano consiste na tentativa de entender de modo aprofundado a experiência do sujeito ao sofrimento, na medida em que

busca acompanhar a angústia, o compartilhamento, o estranhamento, e o testemunho do acompanhante frente às dificuldades e tentativas de adaptação do acompanhado (ESTELLITA-LINS; OLIVEIRA; COUTINHO, 2009).

A possibilidade da transitoriedade desse dispositivo clínico, a partir das incursões do acompanhante pelo fora, a céu aberto, permite que se constitua uma diferente visão frente ao acompanhado, uma nova experiência de encontro com esse sujeito, que se distingue da experiência vivenciada em espaços institucionais de cuidado (PALOMBINI, 2006). Portanto, permite o surgimento de rupturas na concepção de loucura, por exemplo, e quais são as potências vivenciais do sujeito quando em contato com espaços comuns de sua convivência.

Visando a interlocução de saberes múltiplos que estão presentes no emaranhado da Psicologia e suas possibilidades, é importante priorizar os diferentes modos de cuidado que estejam embasados em modelos da atenção psicossocial, no sentido de intervir diretamente no território em que o sujeito convive e se desenvolve, a partir das demandas que emergem neste local, promovendo a inserção do sujeito que está sendo acompanhado na vida coletiva e comunitária (AMARANTE, 2007 *apud* FIORATTI, 2013).

Por ser uma prática sustentada a partir da transitoriedade do sujeito em locais de sua convivência e da relação entre acompanhante e acompanhado, Sereno (2006) utiliza do conceito de presença ativa para exemplificar essa relação. O acompanhante possui a tarefa de entrar na cena do acompanhado como um corpo, uma sombra, uma referência, que promove um acolhimento ao mesmo tempo “que se aceita e se toma em consideração o outro, reconhecendo-o em seu estilo e em suas riquezas” (MOURA, 2003, *apud* SERENO, 2006, p. 176).

A presença ativa do A.T. se articula com a função de espelho, em que o acompanhado pode reconhecer e pensar sobre a sua constituição de eu, a partir de exemplos de como agir frente ao discurso imposto e a vivência social nesse ambiente (SERENO, 2006).

O conceito de amizade dentro da prática do A.T. se configura como uma relação proximal em que o terapêutico surge como determinante das ações a serem realizadas (SERENO, 2006). Com isso, a postura do acompanhante será de apresentar ao acompanhado modos mais coerentes e seguros para se conviver no coletivo, principalmente se tratando do espaço escolar, em que a relação com o grupo no qual o

sujeito se insere é essencial para a sua constituição de subjetividade e fortalecimento de vínculos afetivos.

Portanto, essa produção possui como objetivo detalhar sobre as potencialidades, especificidades e desafios da realização do Acompanhamento Terapêutico no espaço escolar, enquanto uma estratégia para o desenvolvimento psicossocial de um estudante.

O ROTEIRO

O procedimento metodológico desta pesquisa será realizado a partir da análise da realização do Acompanhamento Terapêutico com um estudante de quarto ano do Ensino Fundamental, de uma escola particular localizada em um município do Vale do Taquari/RS, em que estive responsável como estagiário de Psicologia.

Este trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa com caráter empírico, que possui como base para o seu desenvolvimento a compreensão e a interpretação dos processos que ocorrem em um ambiente, que são atravessados pela experiência, pela vivência, pelo senso comum e pela ação (MINAYO, 2012).

Para Larossa Bondía (2002) a experiência é o que nos toca, o que nos passa, o que acontece. Enquanto metodologia de pesquisa, a experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, se moldando enquanto um “saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. [...] o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (BONDÍA, 2002, p. 27).

Enquanto procedimento investigativo da pesquisa, foi utilizado o método cartográfico, que, como por Romagnoli (2009), é uma ferramenta valiosa de investigação por englobar a complexidade do campo através do entendimento do pesquisador em contato com o seu foco de pesquisa.

Ao decorrer da realização da prática do A.T. na escola, foram elaborados relatos escritos acerca dos aspectos que foram observados a partir da sua execução. Neles estão descritos os conflitos e entraves que emergiram ao decorrer desta atividade, as dificuldades do estudante em sua inserção social em grupos, as estratégias estabelecidas para promover a inserção do estudante no coletivo, os diálogos e reflexões com a sua professora, e as potências do A.T. como um dispositivo com caráter de transformação social.

As produções escritas serão redigidas como narrativas para a sua análise textual. Conforme comenta Bruner (2002) *apud* Paiva (2008), uma narrativa é composta por um relato singular de eventos envolvendo seres humanos como autores ou personagens. Elas compõem um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de modo específico, abrindo espaço para a interpretação dos a(u)tores desta história. Esse método de análise visa aos pesquisadores evidenciar a voz do pesquisado, trazendo este como sujeito principal de sua própria história.

A seguir, estão apresentados os relatos elaborados ao longo da execução da prática. Os nomes dos participantes foram modificados para a manutenção do sigilo de identidade. Os relatos selecionados representam o andamento da atividade e a evolução do estudante ao longo do tempo.

A CAMINHADA

“12/02: Fazer estágio na área da Psicologia Escolar é um desafio intenso, composto por afetos e percalços constantes. Em meio às primeiras experiências de um jovem estagiário, que a cada atividade desbrava um pouco mais da realidade contemporânea da escola, foi trazido à tona o caso de André. Esse era um menino já conhecido pelo corpo docente que participava dessa reunião, que tinha como objetivo compartilhar os casos mais complicados da escola no momento. Pude perceber isso pelos comentários e reações dos presentes quando essa pauta foi abordada, que como transpareceu, já deixou seu nome lembrado na escola. André terminou o último ano letivo com o registro de ser “aquele garoto que jogou a classe no colega”, e que nesse ano, estava sendo recebido com sentimentos misturados pelo colegiado. Uma mistura de medo do que pode acontecer, tendo como base o que já aconteceu. Em meio às informações que foram expostas, e o nervosismo de estar habitando um novo lugar de atuação e aprendizado, ouço uma frase tímida de um dos professores: ‘esse é um bom caso pro pessoal da Psicologia’. E foi assim que eu soube que ao longo desse ano de estágio eu ouviria novamente o nome desse garoto...”

“23/03: Após um mês habitando o espaço escolar, identificando as demandas e possíveis intervenções da Psicologia nesse local, percebo uma questão surgindo para ser trabalhada, se referindo a alguém que sabia que voltaria à tona. André, ao longo do período de Educação Física, discutiu com alguns de seus colegas após uma confusão iniciada no futebol. Essa era uma nova turma para ele, que depois do ocorrido no ano passado, foi transferido para o turno da manhã. A modificação de horários, estar inserido em um novo grupo de colegas e estar em contato com uma nova professora seriam aspectos impactantes para qualquer jovem em processo de aprendizagem e desenvolvimento. Para alguém que apresenta dificuldades nas suas habilidades sociais, pensei que seria mais complicado ainda. E foi assim que eu soube que deveria fazer algo sobre esse caso que já estava familiarizado nas reuniões da Coordenação Pedagógica. Surgiu a ideia de se pensar em uma observação do garoto nesses momentos de conflito. O que viria a ser uma prática de Acompanhamento Terapêutico começou a partir da minha participação nos

momentos de maior interação social (e de maior probabilidade de surgimento de conflitos dessa ordem): a educação física e o recreio.”

Ao entrar em contato com o caso do estudante foram planejados momentos específicos em que, pelos relatos da professora e do corpo docente da escola, ocorriam com maior frequência os conflitos. Dessa forma, foi possível entrar em cena como acompanhante nos momentos de maior fragilidade emocional do estudante, e assim, marcar presença enquanto um sujeito que estaria presente para o auxílio ou mediação quando fosse necessário.

“26/03: ‘Pra poder se comunicar com esse menino, tu tem que se aproximar do que ele mais gosta. Já pensou em jogar futebol com ele?’. Silêncio, desconforto, reflexão. Pensar na aproximação com um menino que já carrega um histórico como esse foi motivo de muita ansiedade. Ainda mais quando se trata de futebol, algo que não pratico há anos. Ainda mais quando se trata de uma primeira atuação devidamente profissional, algo que espero por muito tempo. Me encontrei com André no seu intervalo, participando ativamente de um jogo de futebol na quadra coberta. Era quase impossível identificar o garoto em meio à tantos outros de sua idade que compartilhavam da mesma energia. Uma primeira aproximação foi feita após o toque do sinal, no momento que todos voltavam para a sala. Conteí quem eu era, de onde vim e para que estava ali. Recebi uma resposta de desconfiança, dúvida, mas ao mesmo tempo, positiva, de alguém que, daí em diante, estabeleceria um vínculo muito interessante. Em meio à sua apresentação, fui convidado para conhecer a sua mais nova aquisição, o álbum de figurinhas da Copa do Mundo de 2018. Com entusiasmo me mostrou o quanto já completou e o quanto estava dedicado à finalizar essa meta até o final do ano. Era claro o envolvimento e sua fascinação com o esporte. Nesse momento o futebol, mesmo que imaterializado, estava presente enquanto um instrumento fortalecedor dessa relação que se iniciava.”

Na medida em que foi se pensando na aproximação vincular com o estudante, foi-se trazendo à tona aspectos de interesse do sujeito para iniciar o contato com o caso, assim estabelecendo um meio de comunicação que fosse familiarizado para o jovem. O futebol, neste caso, foi um instrumento utilizado como tensionador de diálogos e primeiras expressões de informações sobre o seu mundo subjetivo, e a partir dele foi-se conquistando a confiança do aluno.

“27/03: Recreio: também conhecido como o momento de maior circulação de estudantes por metro quadrado. Sendo praticamente levado pelas crianças que corriam em direção ao pátio, observo um aglomerado de estudantes no meu ponto de encontro com André. Durante a movimentação, uma goleira caiu e quase impediu que o jogo de futebol ocorresse. Ao me ver presente nessa situação, André se aproxima e logo se isenta: “eu não tive nada a ver com isso!”. Ali percebi que, para ele, eu ainda estava

assumindo a figura de “juiz” dessa brincadeira, que puniria qualquer atitude negativa que visualizasse. Portanto, precisava desmistificar isso com ele. Poucos minutos depois, o jogo começa e não foi observado nenhum tipo de confusão. Quando senti que André estava quase “partindo para cima” de outro colega, me aproximei da situação para compreender o que estava ocorrendo. Alguns estudantes não me levaram a sério, por não conhecerem ainda minha figura nesse espaço, o que me levou a compartilhar com eles a minha função ali. Alguns receberam a informação com questionamentos, outros me convidaram para participar do jogo. Após o final desse momento, me aproximei de André para conversarmos melhor. Desviei o caminho que o restante das crianças fazia, e com o garoto fomos trilhando pela primeira vez nosso próprio percurso pelo espaço escolar. Comentei sobre ele ter dito que não foi responsável pelo evento com a goleira anteriormente, incentivando que, quando ocorresse algo que ele poderia ter co-responsabilidade, que não tenha medo de se expressar sinceramente, pois não estou tendo a função de observar para culpá-lo, mas sim, para auxiliá-lo na reflexão sobre as suas atitudes, impulsionar o seu relacionamento psicossocial com os demais estudantes e ajudá-lo a entender um pouco de suas emoções. Mesmo que pensativo, André compreendeu e concordou que isso seria positivo para ele, verbalizando que não estava sendo fácil enfrentar as mudanças que estava vivendo. Foi por essa expressão que comecei a percebê-lo como uma criança, um menino, não como um histórico. Mas também, percebi que teria muito trabalho pela frente.”

Ao trilhar caminhos outros dentro do espaço de convivência e desenvolvimento do estudante, a figura do A.T. foi sendo desmistificada por não assumir a posição de docente, mas sim, de ser um agente de escuta, de compreensão do seu mundo interno e potencializador das capacidades e dos movimentos positivos do jovem dentro desse espaço.

Por enfatizar a saúde mental e aspectos emocionais do estudante, a diferenciação entre o que é ser professor e o que é ser A.T. começou a ser reconhecida tanto pelo aluno como pelos seus colegas. Dessa forma, foi possível demarcar o espaço do Acompanhamento Terapêutico na escola.

“03/04: Terça-feira. Chuva. Inquietude. Após a aproximação com André nos momentos de recreio, fui visualizando melhor os sentimentos do menino em relação a tudo que estava acontecendo dentro e fora da escola. Foram nesses momentos de intervalo que pude me aproximar de Maria, sua professora que, em pouco tempo, se tornou meu braço direito nessa prática. Com a sua extrema sensibilidade e abertura para o novo, conseguiu entender tanto o propósito do A.T. como, também, compreender o aluno e a sua situação neste ano. Estabelecendo uma relação de confiança (e por que não, profissional?), mencionou ter realizado uma reunião com os pais de André, com o intuito de saber um pouco mais sobre o seu cotidiano em casa. Ela abordou esse assunto após ambos termos mencionado ver André com muito sono nas aulas, e pouco motivado para realizar as atividades propostas. Ela comentou,

então, que semanalmente André viaja para outro município para se consultar com uma psiquiatra. Compreendendo sobre os medicamentos que o garoto usa, somando com as transformações sociais que passou ultimamente e os conflitos que se envolveu, foi possível ter uma noção ampliada do que se passava com André. Logo, a dupla acompanhante-acompanhado abriu espaço para um terceiro membro. Uma professora, que aceitou abrir a sua prática docente e receber a contribuição de outra ciência, em prol de um sujeito que precisava, nesse momento, de forças sendo unidas...”

O Acompanhamento Terapêutico é uma prática que não precisa e nem deve ser realizada sozinha. A partir da inserção de agentes fundamentais na vida do estudante, como a sua professora na escola, por exemplo, tornou-se possível potencializar o cuidado realizado com o estudante, recebendo contribuições teóricas de diferentes áreas do conhecimento para o aprimoramento do desenvolvimento desta prática (FIORATTI, 2013). Com a colaboração da docente e a sua percepção frente a fatos ocorridos dentro da sala de aula, algumas cenas puderam ser levadas em consideração para o estabelecimento de demandas a serem trabalhadas a partir do A.T, e assim, fortalecendo o cuidado promovido.

“24/04: Existe alguma forma de estar preparado para a imprevisibilidade? Por mais que destinamos o nosso tempo para estudos teóricos, aperfeiçoamento de técnicas, estudos de casos e cursos de formação, tudo pode cair por terra quando nos encontramos com o outro, que é sempre um sujeito do imprevisível. Ao chegar atrasado no meu ponto de encontro matinal com André, ouço gritos, discussões, correria, e novamente, o garoto em meio a tudo isso. Tentando me aproximar da situação para compreendê-la, o garoto fica mais enraivecido e joga uma garrafa de água no seu colega. E agora, o que fazer? Encaminhar o colega completamente molhado para a secretaria, ou dar conta da explosão do menino acompanhado? Nesse momento, precisei manter-me fiel ao meu amigo. Mesmo que bravo, sem mencionar nenhuma palavra sobre o ocorrido, fiquei ao seu lado. Permaneci ali, não o xingando pelo ocorrido, não buscando culpados, apenas ficando como alguém que André poderia desabafar, quando se sentisse à vontade para isso. Após alguns minutos, ouço uma frase sendo verbalizada bem baixinho. Uma mistura de timidez e mágoa: “eu não sou nenhum demente”. Nesse momento, pude entender um pouco melhor qual foi o gatilho para esse comportamento explosivo. Tive que levar em consideração a faixa etária de André, e lembrar de como, nessa idade, os apelidos, brincadeiras e ofensas pesam para qualquer um. Respondi, de forma direta, algo que o garoto precisava estar certificado naquele momento: “tu não é demente mesmo”. Fui surpreendido por um abraço e por algumas lágrimas que foram muito significativas. Logo nos vimos caminhando pelo pátio, desviando o caminho da sala de aula. Foi nesse momento que pude desconstruir algumas noções do uso de sua medicação, do por que ele estar fazendo uso delas, para quê elas servem, de uma forma simples e que fizesse sentido para ele nesse momento. Aproveitei o espaço para também propor uma reflexão das suas atitudes, pensando qual foi a razão do seu colega chamá-lo dessa

forma. Foi importante compreender o que estava passando com ele, mas também, proporcionar uma flexibilização da percepção que ele teve de toda a cena. E tudo isso surgiu a partir de uma situação que, em uma realidade paralela, penso que estaria sendo manejada através de castigos ou suspensões. Ao estar ancorado à uma prática que possui o caráter de movimento, me permiti ao imprevisível, ao tempo para reflexão, ao não imediatismo das ações, que no final das contas, me aproximaram de conteúdos que não viriam à tona se não fosse dessa forma.”

Com a técnica do A.T., foi possível abrir uma exceção na forma como o estudante conhecia de lidar com os seus conflitos. A partir desta cena, surgiu a possibilidade de explorar com o estudante informações do uso de sua medicação, apresentar novas possibilidades de compreender a função dos fármacos, mas também, promover um entendimento de como a situação ocorreu e quais foram as contribuições do estudante para essa conflitiva. Assim, estabelecemos em conjunto possíveis estratégias para o estudante adotar e não prejudicar a sua inserção no grupo, para dessa forma, ampliar o seu círculo social.

“08/05: Quase um mês para o início da Copa do Mundo. Já é possível ver algumas crianças vestindo camisetas da seleção brasileira, fazendo apostas e previsões para o resultado da competição. Os álbuns de figurinhas são mencionados em cada diálogo que se estabelece. Ao estar em contato com André nos últimos encontros, mencionei sobre seu círculo social na sala de aula, que pela a minha observação, não é muito expandido. Questionei sobre a sua relação com demais colegas, e como se sente jogando futebol com eles. Ele responde que gostaria de formar vínculos com mais colegas, mas ultimamente têm mantido uma relação proximal com somente um, aqui chamado de Vítor. Propus que pensássemos, então, em estratégias de como fazer para André se aproximar dos colegas, seja na realização de algum trabalho de aula, mudança no lugar onde senta na sala de aula, mas nada fez muito sentido para o menino. Mal sabíamos que a resposta estava literalmente debaixo do nosso nariz: o álbum de figurinhas.

Fiquei contente em ouvir da sua professora, no dia seguinte, que André consultou o interesse dos seus colegas em terem um tempo na aula para a troca de figurinhas e socialização dos álbuns. Isso representou, na minha observação, um avanço no seu processo de desenvolvimento psicossocial que, ao ter o interesse em se aproximar dos seus colegas, apresentou esta iniciativa sabendo da realidade e dos gostos dos seus companheiros de classe. E então se tornou claro que algumas das sementes desse ‘andar’ já apresentavam alguns brotos...”

Por considerar o local em que o estudante ocupava, bem como aspectos de sua cultura e interesses pessoais, tornou-se possível pensar em estratégias para a inserção do jovem no seu grupo de colegas a partir de elementos que faziam parte da vida deles. O

álbum de figurinha, nesse caso, foi um instrumento aproximador de relações entre o grupo, não refletindo somente no relacionamento psicossocial do estudante em questão, mas também, do coletivo.

Dessa forma, o A.T. teve uma ação individual em um primeiro momento, mas que refletiu resultados também nos demais membros componentes desse grupo. Ressalto aqui a importância da abertura da professora em relação a isso, por ter compreendido a relevância desse espaço não somente para o jovem em si, mas sim, para toda a sua turma.

“03/07: Após alguns meses acompanhando André em busca da solução de seus conflitos, pude me familiarizar com o grupo em que o menino está inserido, estabelecendo um contato também com seus amigos de escola. Vítor, nomeado seu melhor amigo, participou de uma de nossas conversas recentemente, por ter presenciado uma confusão no turno de futebol. Pude ouvir o seu lado da história, na medida que compreendia o lado de André também. Vítor se tornou uma peça muito interessante para o andamento do A.T., que, pela sua maturidade e postura em sala de aula, auxiliou André em momentos que nem eu, nem a sua professora estávamos presentes. Isso pode ser visto na situação desta terça-feira. Ao chegar no pátio muitos colegas estavam reclamando da postura de André que, ao ter como ídolo e referência o jogador de futebol Neymar, replicava os seus “carrinhos” nos colegas de turma. Na medida que outro colega fizesse outro movimento brusco para cima de André, o menino se jogava no chão e fingia ter se machucado, logo recebendo o apelido momentâneo de “Neymarzinho”. O interessante desse momento foi que a figura de reflexão para esse comportamento não fui eu, e sim Vítor, que ao se preocupar com André, se magoou pela cena ter sido falsa. Observei que os garotos conversavam muito sobre a situação, partindo do pressuposto de que isso poderia ter causado um problema maior, gerando ansiedade pelos colegas que participavam da partida. André, então, ouviu esse desabafo de seu amigo e logo se desculpou. Após esse dia, foram poucas vezes que vi a queda se repetir. Os laços entre os colegas foram se fortalecendo a partir de cada erro, cada reflexão, cada pedido de desculpa e iniciativa de mudança. A prática do A.T. que vinha tendo a colaboração de Maria, abriu espaço para a inserção de membros do seu grupo social, estendendo a nossa teia para mais agentes.”

Por mais que a figura de acompanhante tenha representado uma exceção no espaço escolar, alguns tensionamentos e reflexões puderam ser realizados também por um de seus pares, apresentando alguma das peculiaridades do andamento do A.T. na escola. O colega do jovem, nessa situação, representou um “igual” que reconheceu a necessidade de apontar o comportamento do estudante de modo a fazê-lo se conscientizar da atitude em questão. Nesse aspecto, a função do acompanhante foi reforçar o discurso verbalizado pelo colega, de modo que o estudante visualize o quanto suas ações reverberam em impactos emocionais nos seus colegas.

“18/09: André aparece na escola com o pé machucado após um final de semana dedicado exclusivamente ao seu esporte favorito. Então, sentamos para observar o jogo de futebol dos seus colegas. Apesar de estar dolorido, André manifesta seu interesse em participar da partida. Após pensarmos em como ele poderia se inserir na atividade, o menino teve uma solução para essa situação: participar como juiz do jogo. Fiquei muito feliz em perceber a sua iniciativa, que mesmo tendo dificuldades no momento, soube pensar em como poderia estar se divertindo com eles. A partir disso, o assunto da nossa conversa em movimento foram as atitudes que observei, fazendo questão de parabenizá-lo por elas. Expliquei que essa foi uma boa forma de entrar na atividade, mesmo respeitando a sua condição momentânea. Ele, contente com o retorno, responde “pra algumas coisas a gente só precisa de um empurrãozinho...”

A partir do reconhecimento de ações estratégicas para a inserção do jovem em seu grupo, apresentadas inicialmente pela figura do A.T., neste encontro o estudante elaborou individualmente uma ação para poder colaborar no jogo de futebol. Isso representou sutilmente a evolução da sua habilidade social, na medida em que reconhecia a sua condição atual, mas ainda, assumindo o papel de uma figura importante para a funcionalidade do esporte em questão.

“19/10: Se aproximando da finalização do estágio na escola e, conseqüentemente, da prática de A.T., fui convidado para participar em um momento na aula de André. A docente comentou que estavam trabalhando com a temática “Afetos e cuidados”, e pediu para que organizasse uma atividade para explicar os cuidados consigo e com o outro. Tive como base para esse momento o livro “Dona Tempa e a menina que não queria ir à escola”, de Celso Gutfreind. A história traz a reflexão de que todos temos algum medo que pode nos impedir de aproveitar momentos da nossa vida, sendo essa a temática para o debate posterior à contação da história. Alguns estudantes ficaram pensativos, outros envergonhados, outros cochichando baixinho... Até que André se pronunciou. Expressou que o último medo que sentiu foi ter que trocar de turma, ter que enfrentar um novo grupo com poucos colegas conhecidos. Mas assim como a menina, que teve ajuda da Dona Tempa para enfrentar seus medos, André reconheceu três pessoas que o ajudaram muito nesse novo passo de sua vida. No início, comentou que, assim como a menina, só queria ficar em casa (e em algumas ocasiões, ficou mesmo). Mas que tendo apoio de pessoas que pode confiar, os muros já não eram mais tão altos. E nem precisavam ser.”

“04/12: Vim me preparando para esse momento por algum tempo, pensando em como procederia esse distanciamento com André. Nenhuma despedida é fácil, mas no caso do garoto, vendo a sua evolução ao longo desse ano, estava certificado que ele estaria bem encaminhado para o próximo ano letivo. Agora ele estava acompanhado de novas amizades, novos laços com professores, uma maior aproximação consigo mesmo. Essa despedida, assim como os demais encontros, ocorreram ao longo do nosso caminhar. O momento foi destinado para uma última socialização dos fatores ocorrentes na semana, mas também,

de agradecimento. Da parte dele, agradeceu por eu ter estado presente nos momentos de maior conflito, ajudando-o a lidar melhor com suas emoções. Da minha parte, agradei por ter sido tão aberto comigo, me permitindo fazer parte desse momento da sua vida, por ter sido tão colaborativo com as minhas intervenções. Agradei por ter me ensinado que as práticas da Psicologia não precisam ser tão duras, tão fechadas, tão inflexíveis. Ao andar, ele contou a sua história, contou de sua vida. E nessa caminhada de um ano, cada um de nós pode se conhecer um pouco melhor...”

Com a finalização da prática do A.T., a escola foi reconhecida como um espaço muito potente para a identificação e reflexão dos conflitos apresentados pelo estudante. O jovem, que foi foco da atividade, pode conhecer as suas motivações para determinados comportamentos que geravam conflito, e dessa forma, conhecer mais sobre si mesmo. A intervenção que tinha como foco desenvolver as habilidades psicossociais, foi utilizada também como ferramenta terapêutica na medida que se promoveu a saúde do jovem, na medida em que conheceu sobre seus medicamentos e desmistificou seu uso, e reconheceu as questões emocionais atreladas às suas condutas.

A CHEGADA

A partir dos relatos apresentados, foi possível perceber o Acompanhamento Terapêutico enquanto uma ferramenta potente para discutir, problematizar e identificar os conflitos do cotidiano de um estudante. A partir do andar dessa caminhada, a presença da Psicologia no ambiente escolar pode ser ampliada, sendo relevante ao abrir uma exceção nos modos de entendimento e manejo dos conflitos vivenciados, refletindo sobre os seus atravessamentos, implicações e formas de solução, visando a subjetividade e particularidade do sujeito em questão.

Por meio das propostas do A.T., que foram primeiramente direcionadas à um estudante em específico, o relacionamento entre os membros do seu grupo também pode ser vislumbrado. Na medida em que se pensava em uma inserção do estudante no coletivo, o próprio grupo se beneficiou das atividades, aprimorando assim o relacionamento que já se estabelecia entre os demais jovens.

Ao expandir as problematizações advindas do Acompanhamento Terapêutico para os demais membros do corpo docente, em momentos de reuniões de equipe, por exemplo, os profissionais puderam refletir sobre os modos como conduziam suas práticas, estendendo um novo olhar aos estudantes que compõem as turmas em que lecionam.

Deste modo, o A.T. é considerado um dispositivo potente por permitir trabalhar questões que não são necessariamente estipuladas como foco de desenvolvimento dentro das instituições escolares. Por ser um recurso ainda desconhecido nesse espaço, torna-se relevante compartilhar as experiências dessa prática *in loco*, visando novas formas de se compreender o sujeito nesse espaço de formação.

AS REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia et al. O Acompanhamento Terapêutico e a psicanálise: pequeno histórico e caso clínico. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 128-141, 2017.

BATISTA, Ana Laura; FLOR, Tatyane Couto; SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado da. Saberes e práticas do acompanhamento terapêutico com crianças: uma revisão bibliográfica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 55-62, abr. 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Abril, 2002.

CIA, Fabiana; BARHAM, Elizabeth Joan. Repertório de habilidades sociais, problemas de comportamento, autoconceito e desempenho acadêmico de crianças no início da escolarização. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 26, n.1, p. 45-55, Mar. 2009.

DISCONSI, Aline Martins et al. Acompanhamento terapêutico: andanças pelo dentro e o fora da instituição. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. spe2, p. 65-72, 2013.

ESTELLITA-LINS, Carlos; OLIVEIRA, Verônica Miranda; COUTINHO, Maria Fernanda. Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n. 1, p. 195-204, 2009.

FERREIRA, Fabiana Ribas; CARVALHO, Maria Aparecida Gomes de; SENEM, Cleiton José. Desenvolvendo habilidades sociais na escola: um relato de experiência. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 84-98, 2016.

FIORATI, Regina Célia. Acompanhamento terapêutico, clínica e atenção psicossocial: uma relação possível? Reflexão crítica segundo a hermenêutica dialética de Jürgen Habermas. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 25, n. spe2, p. 82-89, 2013.

GRUSKA, Viktor; DIMENSTEIN, Magda. Reabilitação Psicossocial e Acompanhamento Terapêutico: equacionando a reinserção em saúde mental. **Psicologia Clínica** [online]. 2015, vol. 27, n. 1.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, Maio/Ago 2013.

MAIA, Denise da Silva & BORTOLINI, Marcela. O desenvolvimento da habilidade de assertividade e a convivência na escola: relato de experiência. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 373-388, 2012.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 176 p. 2013.

MEDEIROS, Lucilaide Galdino & AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino: concepções e práticas. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 65, p. 227-236, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de Oliveira. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, dez. 2008.

PALOMBINI, Analice de Lima. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 115-127, set. 2006.

POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

PRATA, Maria Regina dos Santos. A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 28, p.108-115, 2005.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, Ago. 2009.

SERENO, Deborah. Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva. **Psyche (São Paulo)**, São Paulo, v.10, n.18, p. 167-179, set. 2006.

QUINTEIRO, Regiane De Souza; RESENDE, Fernanda Mendes. Desenvolvimento psicossocial e psicopedagógico: Intervenções contemporâneas na educação. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, PUC Minas, v. 1, n. 1, p. 18-32, 2017.